

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA - IFILO

LORENA CARVALHO RIBEIRO

A MULHER COMO O SEGUNDO SEXO [?]

UBERLÂNDIA / MG
JULHO DE 2018

LORENA CARVALHO RIBEIRO

A MULHER COMO O SEGUNDO SEXO [?]

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel e Licenciatura em Filosofia.

Área de Concentração: Filosofia Política

Orientadora: Profa. Dra. Fillipa Carneiro Silveira

UBERLÂNDIA / MG

JULHO DE 2018

LORENA CARVALHO RIBEIRO

A MULHER COMO O SEGUNDO SEXO [?]

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel e Licenciatura em Filosofia pelo Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação da Profa. Dra. Fillipa Carneiro Silveira,

Uberlândia, 12 de julho de 2018.

Profa. Dra. Fillipa Carneiro Silveira – Orientadora

Profa. Dra. Georgia Cristina Amitrano

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Uberlândia e em especial ao Instituto de Filosofia pelo conhecimento, apoio, amizades conquistadas, bolsas de estudo, viagens e todas as experiências vividas nesses últimos cinco anos.

Aos meus pais Lúcia e Gilberto, por todos os estímulos concedido a mim e minha irmã durante toda a nossa vida. Pelos anos de dedicação e esforço para que suas filhas se formassem nos cursos dos seus sonhos e em uma universidade pública de excelente qualidade.

À minha irmã Jackeline, por ser meu exemplo e meu ponto de equilíbrio.

Ao meu tio Willian Amâncio e madrinha Eliza Amâncio, por terem me proporcionado conhecer a Filosofia no ensino médio e terem me dado a oportunidade de conhecer a ciência que eu amo e pretendo seguir carreira.

À minha orientadora e professora Doutora Fillipa Carneiro Silveira, pelo incentivo, paciência, apoio e sobretudo orientação tanto para a criação desta dissertação como para a vida profissional e pessoal.

À minha professora Doutora Georgia Amitrano, por ter me ensinado sobre o feminismo e como ser uma mulher firme sem perder a feminilidade.

Aos meus familiares e amigos pela compreensão, apoio, conselhos e orações para que eu não desista da vida acadêmica.

A minha melhor amiga Átila, que entrou comigo para universidade [turma 66 - Direito/UFU] e foi meu apoio diário em todos os momentos dentro e fora de nossos cursos.

Mas agradeço principalmente a todas as mulheres que cruzaram o meu caminho: mãe, irmã, tias, primas, amigas e professoras. A todas vocês o meu respeito e meu muitíssimo obrigada por me ensinarem que *Mulher* não é, nunca foi e nunca será o sexo frágil. Ser feminista é a revolução!

RESUMO

O presente trabalho visa a uma interpretação da obra *O Segundo Sexo* de 1949, de Simone de Beauvoir no tocante a alteridade como um problema filosófico que incide diretamente no conceito de Mulher e, conseqüentemente na distinção deste com relação ao conceito de Ser. Com base neste objetivo, essa discussão será abordada além do olhar da dicotomia pênis versus vagina, homem versus mulher. O diferencial da filósofa francesa ao analisar tais oposições binárias fica por conta da sua análise existencialista de Mulher como o Outro, como uma construção social e não somente como um deixado biológico, psíquico ou histórico. Os capítulos da obra supracitada são estruturados de forma a problematizar os possíveis argumentos que tentam impor uma condição de submissão às mulheres. Para esta explanação, são utilizados argumentos que envolvem diversas áreas, como: a biologia, a psicanálise e o materialismo histórico. A autora anuncia ainda que, pelo fato da humanidade ser determinada a partir do masculino, o homem define a mulher relativamente a ele, e não em si, sendo ela considerada, então, com um ser dependente. A filosofia existencialista se constitui pelo processo de subjetificação do sujeito, desta forma, a construção da feminilidade é entendida segundo Beauvoir, a partir da compreensão ética da ação do Sujeito de modo que a análise seja entre o singular e o universal. Assim, ao se compreender como um Sujeito Absoluto, o homem estabelece a Mulher como o Outro Absoluto. Conseqüentemente, a Mulher se diferencia e se determina em relação ao homem e não em relação a si mesma. Quando a filósofa afirma “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, ela considera que não existe uma essência feminina, mas destaca que ser Mulher é um processo de construção. Beauvoir, acredita que os indivíduos são socialmente e culturalmente construídos. É uma produção que foi apreendida através da socialização cuja finalidade é manter o homem na posição de dominante.

Palavras-chave: Mulher. Outro. Alteridade. Submissão. Existencialismo. Subjetividade.

ABSTRACT

The following article aims to a interpretation of the Simone de Beauvoir's book, *The Second Sex*, published in 1949, in the matter of alterity like a philosophical problem which focuses directly on the Woman's concept and consequently on the distinction of that with a relation to the concept to being. Based on this objective, this discussion will be held Beyond the dichotomy of seeing penis versus vagina, man versus woman. The french philosopher's diferencial in analyzing such binary oppositions is on the perception of her existentialist analysis of Woman as the Other, as a social construction and not just as a biological heritage. The chapters of the book above mentioned are estructured to problematize the possible arguments which try to impose a condition of submission to the women. For this explanation, arguments are used that involve various areas, like: biology, psychoanalysis and historical materialism. The author also announces that, by the fact of the mankind to be determined from the masculine, the man defines a woman relative to him, and not in itself, then being considered a dependent being. The existentialist philosophy is constituted by the subjectification process of the subject, in this way, the construction of femininity is understood according to Beauvoir, from the ethical understanding of the Subject's action so that the analysis is between the singular and the universal. Thus, by understanding itself as an Absolute Subject, man establishes Woman as the Other Absolute. Consequently, the Woman differs and determinates her in relation to man, and not to herself. When the philosopher claims "No one is born a woman, becomes a woman", she considers that doesn't exist a feminine essence, but highlights that being a Woman is a construction process. Beauvoir believes individuals are socially and culturally constructed. It is a production that was seized through socialization, whose purpose is keeping the man in the domination position.

Keywords: Woman. Other. Alterity. Submission. Existencialism. Subjectivity.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	8
2 - A ALTERIDADE PARA SIMONE DE BEAUVOIR.....	10
2.1 - A MULHER COMO O OUTRO	12
3 - O QUE É MULHER?	17
3.1 - A MULHER E A SUA NATUREZA FEMININA.....	17
3.2 - A MULHER NÃO É UM HOMEM MUTILADO.....	21
3.3 - A MULHER NÃO É UMA PROPRIEDADE DO HOMEM	25
4 - O EXISTENCIALISMO BEAUVORIANO.....	29
4.1 - A SUBJETIVIDADE DE BEAUVOIR	32
5 – CONCLUSÃO	34
6 - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	35

1 - INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa a uma interpretação da obra *O Segundo Sexo* de 1949, de Simone de Beauvoir¹ no tocante a *alteridade* como um problema filosófico que incide diretamente no conceito de *Mulher* e, conseqüentemente na distinção deste com relação ao conceito de *Ser*. Com base neste objetivo, essa discussão será abordada além do olhar da dicotomia pênis *versus* vagina, homem *versus* mulher. O diferencial da filósofa francesa ao analisar tais oposições binárias fica por conta da sua análise *existencialista* de *Mulher* como o *Outro*, como uma construção social e não somente como um deixado biológico, psíquico ou histórico.

O que faz da *Mulher* o *Outro*? A *Mulher* é mulher pelo sexo, pelos hormônios e não por uma construção histórica e social? Em face desta abordagem, este trabalho surge com o objetivo principal de analisar a existência do *Outro* a partir de uma reflexão filosófica que transcorre dentro do campo do gênero, da biologia, da psicologia e da história. Por esse motivo, o problema que se pretende explorar nesta pesquisa é a busca pelo Feminino não submisso, mas o feminino como *Um*.

Os capítulos da obra supracitada são estruturados de forma a problematizar os possíveis argumentos que tentam impor uma condição de submissão às mulheres. Para esta explanação, são utilizados argumentos que envolvem diversas áreas, como: a biologia, a psicanálise e o materialismo histórico. A autora anuncia ainda que, pelo fato da humanidade ser determinada a partir do masculino, o homem define a *Mulher* relativamente a ele, e não em si, sendo ela considerada, então, com um ser dependente.

O conceito de *Mulher* nos é destacado logo no prefácio de seu livro *O Segundo Sexo*. Nesta obra, Beauvoir afirma que, por mais desgastado que possa parecer, o debate desta temática permanece sendo de extrema importância, e ainda questiona se existe realmente uma problemática, no que tange a existência da *Mulher*.

Ademais, haverá realmente um problema? Em que consiste? Em verdade, haverá mulher? [...] Não sabemos mais exatamente se ainda existem mulheres, se existirão sempre, se devemos ou não desejar que existam, que lugar ocupam ou deveriam ocupar no mundo [...] Todo mundo concorda que há fêmeas na espécie humana; constituem hoje, como outrora, mais ou menos a metade da humanidade; e, contudo, dizem-nos que a ‘feminilidade’ ‘corre perigo’; e

¹ Simone Lucie Ernestine de Marie Bertrand de Beauvoir [1908-1986] foi uma escritora francesa, filósofa existencialista e feminista, considerada uma das maiores representantes do existencialismo na França.

exortam-nos: “Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres. ” Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher, cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade. Será esta secretada pelos ovários? Ou estará congelada no fundo de um céu platônico? E bastará uma saia de frufu para fazê-la descer à Terra? Embora mulheres se esforcem para encarná-lo, o modelo nunca foi registrado. [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.9-10]

A problemática que envolve a existência de *Mulher* é influenciada por demandas que envolvem não só a *alteridade*, mas também a natureza, a política, a cultura, a história, o conhecimento e até mesmo a ontologia, dado que nenhum grupo se define como *Sujeito* sem colocar imediatamente o outro grupo como *Objeto*. A *alteridade* é uma categoria fundamental do pensamento humano.

A filosofia *existencialista* se constitui pelo processo de *subjetificação* do *Sujeito*, desta forma, a construção da feminilidade é entendida segundo Beauvoir, a partir da compreensão ética da ação do *Sujeito* de modo que a análise seja entre o singular e o universal. Assim, ao se compreender como um *Sujeito Absoluto*, o homem estabelece a *Mulher* como o *Outro Absoluto*. Consequentemente, a *Mulher* se diferencia e se determina em relação ao homem e não em relação a si mesma.

Quando a filósofa afirma “*Ninguém nasce mulher, torna-se mulher*”, ela considera que não existe uma essência feminina, mas destaca que ser *Mulher* é um processo de construção. Beauvoir, acredita que os indivíduos são socialmente e culturalmente construídos. É uma produção que foi apreendida através da socialização cuja finalidade é manter o homem na posição de dominante.

2 - A ALTERIDADE PARA SIMONE DE BEAUVOIR

Para iniciar a análise proposta neste trabalho é importante esclarecer o conceito de *Alteridade* e o que isto implica para a filosofia beauvorian. Segundo o Dicionário de Filosofia de Abbagnano [2007, p. 35] o termo significa: “*Ser outro, pôr-se ou constituir-se como outro*”. Logo, *alteridade* refere-se ao processo de interação e socialização humana no convívio entre o “*Eu*” e o “*Outro*”. É impossível pensar uma existência do Eu-Individual sem o conflito com o *Outro*. Assim, partiremos do pressuposto de que todo indivíduo social é interdependente dos demais sujeitos de seu contexto social, isto é, o mundo individual só existe diante do contraste com o mundo do outro.

Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo*, reconhece que a discussão sobre *Mulher* por mais explorada que possa parecer não produziu frutos reais e que, por isso, precisa ser novamente e amplamente discutida. E que principalmente este debate deverá ser feito pelas verdadeiras interessadas no conteúdo e as diretamente afetadas por ele, uma vez que, as discussões realizadas foram baseadas na perspectiva *androcentrista* - maneira onde as experiências masculinas são consideradas como as experiências de todos os seres humanos e tidas como uma norma universal, tanto para homens quanto para mulheres - o que torna a compreensão e até mesmo a análise crítica da problemática duvidosa, em razão da possível falta de neutralidade que os homens sempre deram para o assunto.

De acordo com a filósofa francesa, a descrição de *Mulher* é realizada com termos ‘*vagos e mirabolantes*’ e que os argumentos explorados pela biologia, psicanálise e materialismo histórico, não conseguem justificar o porquê da submissão das mulheres aos homens e em especial explicar a causa da aceitação feminina em ser o *Outro* e afirma:

basta passear os olhos abertos para comprovar que a humanidade se reparte em duas categorias de indivíduos, cujas roupas, rostos, corpos, sorrisos, atitudes, interesses, ocupações são manifestamente diferentes; talvez essas diferenças sejam superficiais, talvez se destinem a desaparecer. O certo é que por enquanto elas existem com uma evidência total.

Se a função da fêmea não basta para definir a mulheres, se nos recusamos também a explicá-la pelo “eterno feminino” e se, no entanto, admitimos, ainda que provisoriamente, que há mulheres na Terra, teremos que formular a pergunta: o que é uma mulher? [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.11]

A problemática para Beauvoir ao escrever esta obra se dá em consequência da incerteza da existência de *Mulher*. Não reconhecer que existe uma *Mulher* traz para a filósofa, questões anteriores ao conceito de *alteridade*. O primeiro e talvez mais significativo embaraço

para Beauvoir n' *O Segundo Sexo* é anterior à relação *Eu versus Outro*, *Homem versus Mulher*, *Masculino versus Feminino*, ou *Pênis versus Vagina*. A dúvida sobre o que é uma *Mulher* e se este conceito poderia assumir um papel de *Sujeito*, fundamenta sua visão *existencialista* de *Mulher*. Sua investigação se há uma *Mulher* vai para além da própria *existência*. As questões que estão por trás dessa análise poderiam ser descritas como, para além de: Existe *Mulher*? Qual seria a justificativa dela se determinar como *Outro* [precisando de um homem para se definir, posto que ela poderia assumir o papel de *Sujeito* já na sua própria definição]?

E ainda ressalta que, quando uma *Mulher* precisa se definir, ela é obrigada a se declarar: “*Sou uma mulher*”, entretanto o homem não necessita começar o seu discurso com essa definição [desde que este evidentemente seja homem com uma identidade de gênero e uma performatividade *heteronormativa* - termo usado para descrever situações nas quais orientações sexuais diferentes da heterossexual são marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas] - . Isto acontece porque o homem, sendo sempre o *Sujeito*, não tem a necessidade de promover ou garantir sua definição enquanto homem, já que esta é dada pela sua própria condição de homem. A relatividade para Beauvoir está para a *Mulher* assim como a objetividade está para o homem, pois este, ao assumir o papel de *Sujeito*, condiciona toda a narrativa, política, cultura, história e até mesmo a existência dessa *Mulher* em relação a ele próprio, dado que, ele pode ser pensando sem ela, mas ela não pode ser pensada sem ele:

‘Você pensa assim porque é uma mulher.’ Mas eu sabia que minha única defesa era responder: ‘Penso-o porque é verdadeiro’, eliminando assim minha subjetividade. Não se tratava, em hipótese alguma, de replicar: ‘E você pensa ao contrário porque é um homem’, pois está subentendido que o fato de ser um homem não é uma singularidade; um homem está em seu direito sendo homem, é a mulher que está errada. [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.12]

Partindo deste conceito, a *Mulher* não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o ‘sexo’ para dizer que a “*Mulher se determina e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro*” [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.12-13]. Onde a *Mulher*, se definindo pelo sexo, reforça a sua condição de *Outro*, uma vez que, as mulheres não se legitimam como o *Ser* ou se quer se intitulam como o *Absoluto*. A condição de submissão feminina não é só política ou hierárquica, mas decorrente do reconhecimento de si como o *Outro*, como o *inessencial* o que certifica ao homem/masculino/macho uma apropriação dessa condição sem que haja um embate sobre essa situação:

A relação entre os dois sexos não é das duas eletricidades, de dois polos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os

homens” para designar todos os seres humanos. [...] toda a humanidade enquanto que a mulher aparece como negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.11-12]

Beauvoir afirma existirem duas categorias: o ser Homem e o ser *Mulher*, não sendo elas diferentes, mas opostas. Onde, portanto, existiria uma categoria A [homem] e uma categoria Não-A [mulher], isto é, ser *Mulher* é ser um não-homem. Por exemplo, quando falamos de ser humano, nos vem à cabeça o conceito de “homem” e ninguém fala “mulheres” para definir os seres humanos. Usamos o termo mulheres, para referir apenas uma singularidade da espécie humana. A filósofa afirma n’*O Segundo Sexo* [2016, vol I, p.12] “*A humanidade é masculina, e o homem define a Mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo*”.

A problemática que envolve a *existência* de *Mulher* é influenciada por demandas que envolvem não só a *alteridade*, mas também a natureza, a política, a cultura, a história, o conhecimento e até mesmo a ontologia, dado que nenhum grupo se define como *Sujeito* sem colocar imediatamente o outro grupo como *Objeto*. A *alteridade* é uma categoria fundamental do pensamento humano.

Ao se perceber como o *Outro*, a *Mulher* não apenas se compreende como o *Outro*, mas reforça o lugar do homem como *Sujeito*. Ela confirma que ele é o *Absoluto* ao não fazer um retorno para si mesma, ao não se perceber também como um possível *Sujeito*. Na medida em que o seu ponto de referência deveria ser ela mesma, ela poderia exercer um olhar para si própria e, então, nessa nova perspectiva de si, se definir como o *Sujeito*. Contudo, mesmo com essa possibilidade, ela ainda se determina em relação a ele. A *Mulher* não apenas se mantém como o *Outro* nessa relação de *alteridade*, mas ela própria se condena nesta posição.

2.1 - A Mulher como o Outro

Uma das questões mais relevantes da obra de Beauvoir é “*Por que as mulheres não contestam a soberania do macho?* ”

Nenhum sujeito se define imediata e espontaneamente como o inessencial: não é o Outro que, se definindo como Outro, define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio. [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.14]

Ao definir a *Mulher* como o segundo sexo, como o *Outro*, como *Objeto*, o homem influencia toda a relação de *alteridade* que possa existir, além de toda a maneira como essa *Mulher* será concebida política, histórica e até mesmo culturalmente. Esta influência é tão forte que ela não se reconhece como um possível *Sujeito* e assimila essa posição com grande cumplicidade.

Existem outros casos em quem, durante um tempo mais ou menos longo, uma categoria conseguiu dominar totalmente a outra. É muitas vezes a desigualdade numérica que confere esse privilégio: a maioria impõe sua lei à minoria ou a persegue. Mas as mulheres não são, como os negros dos Estados Unidos ou os judeus, uma minoria; há tantos homens quantas mulheres na Terra. Não raro, também, os dois grupos em presença foram inicialmente independentes; ignoravam-se antes ou admitam cada qual a autonomia do outro; e foi um acontecimento histórico que subordinou o mais fraco ao mais forte: a diáspora judaica, a introdução da escravidão na América, as conquistas coloniais são fatos precisos. Nesses casos para os oprimidos houve um passo à frente: têm em comum um passado, uma tradição, por vezes uma religião, uma cultura [...] Entretanto na falta de um acontecimento, é um desenvolvimento histórico que explica sua existência como classe e mostra a distribuição desses indivíduos dentre dessa classe. Nem sempre houve proletários, sempre houve mulheres. Elas são melhores em virtude de sua estrutura fisiológica; por mais longe que se remonte na história, sempre estiveram subordinadas ao homem: sua dependência não é consequência de um evento ou de uma evolução, ela não aconteceu. [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.13-14]

Desde os mais remotos registros, a população humana sempre sofreu alterações em relação ao número de homens e mulheres, contudo, essa variância nunca foi crucial para legitimar que as mulheres deveriam ser submissas aos homens. Com a ausência deste respaldo numérico é difícil entender porque ao se referir às mulheres, muitas vezes, tratam-nas como “minorias” ou como um grupo quantitativamente inferior, posto que nas mais diferentes divisões que possam ser feitas da sociedade [por exemplo: religiosas, econômicas ou regionais] a divisão que sempre esteve presente nelas é a sexista.

Um ponto que Beauvoir destaca em relação a “essa condição de minoria” imposta pela sociedade é a falta de companheirismo que algumas mulheres têm em relação as outras, o que consequentemente enfraquece os movimentos das mulheres. Essa falta de parceria ou coletividade das mulheres para com outras, pode ser percebida por divisão de classe, raça, religiosa, orientação sexual, entre outras. E isto fica claro, por exemplo, quando você pergunta aleatoriamente a uma mulher branca a qual grupo ela pertence. Ela na maioria das vezes se reconhece no grupo de pessoas brancas e não no grupo de mulheres [com as negras, as orientais e todas as outras mulheres], e isto se dá por conta da maneira dispersa como as mulheres se

encontram na sociedade, onde não há meios concretos de se constituir como unidade para se afirmarem como *Um*.

Outro ponto relevante a esse modo disperso como as mulheres se encontram na sociedade e a maneira como elas se reconhecem pertencentes aos grupos dos homens. Segundo Beauvoir, isso decorre pelo modo como são estabelecidas as relações com esses “parceiros”. Estas relações por muitas vezes são familiares, amorosas, religiosas e econômicas e por esse motivo, geram uma maior dificuldade para que elas se enxerguem como um coletivo maior do que estes relacionamentos e isso ainda corrobora a cumplicidade com o sexo oposto.

Se a *Mulher* se enxerga como o *inessencial* que nunca retorna ao *essencial* é porque não opera, ela própria, esse retorno, afirma Beauvoir. Por exemplo, os grupos de proletários e de negros se dirigem como “nós”, apresentando-se como sujeitos, eles transformam em “outros” os burgueses e os brancos. As mulheres – salvo em certos congressos que permanecem manifestações abstratas – não dizem “nós”. Os homens dizem “as mulheres” e elas usam essas palavras para se designarem a si mesmas: mas não se colocam legitimamente como *Sujeito*, aceitando sua condição de *Outro*:

A ação das mulheres nunca passou de uma agitação simbólica; só ganharam o que os homens concordam em lhes conceder, elas nada tomaram, elas receberam. Isso porque não têm os meios concretos de se reunir em uma unidade que se afirmaria em se opondo. Não têm passado, não têm história nem religião própria; não têm, como os proletários, uma solidariedade de trabalho e interesses; não há sequer entre elas essa promiscuidade espacial que fazer dos negros dos EUA, dos judeus dos guetos, dos operários de Saint-Denis ou das fábricas Renault uma comunidade. Vivem dispersas entre os homens, ligadas pelo habitat, pelo trabalho, pelos interesses econômicos, pela condição social a certos homens – pai ou marido – mais estreitamente do que outras mulheres. Burguesas são solidárias dos burgueses e não das mulheres proletárias, brancas dos homens brancos e não das mulheres negras. [...] Mas mesmo em sonho a mulher não pode exterminar os homens. O laço que a une a seus opressores não é comparável a nenhum outro. [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.15-16]

No momento em que as mulheres começam a tomar posições de destaque no mundo, ele majoritariamente ainda é um mundo que pertence aos homens. E a forma como mundo se determina a partir do masculino, todo avanço político, cultural e até mesmo de direito conquistado pelas mulheres, não passam de uma aceitação que os homens fizeram/fazem. Por mais barulhentos e até mesmo violentos que possam ser esses avanços das mulheres, eles ainda são aprovados e concedidos pelos homens.

Entretanto, para a *Mulher* recusar ser o *Outro*, recusar a cumplicidade com o homem, seria necessário que ela renunciasse à “vantagem” que a aliança com a casta superior pode lhe

conferir. Permitir-se estar numa posição para nunca assumir o papel de *Sujeito* é aceitar sempre ser definida em relação ao homem para garantir uma reciprocidade pelo que ela pode ser e pela maneira como ela vai se relacionar com ele.

O homem que constitui a mulher como Outro encontrará, nela, profundas cumplicidades. Assim, a mulher não se reivindica como sujeito porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de Outro. [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.18]

Ao se afirmarem como *Sujeito*, os homens se apropriaram e influenciaram a história, política e a cultura para tentar evidenciar a todo momento uma condição de submissão às mulheres; usando de alguns argumentos que tentam legitimar uma possível fragilidade da essência feminina como uma oportunidade para amaldiçoá-la no lugar de *Outro* para sempre. E ao concordar com o papel do *Outro*, a *Mulher* abdica de posições que lhe são de direito, já que o sexo, a biologia, a política, a psicanálise e a própria história não são argumentos válidos para lhes manter e até mesmo para corroborar para o posicionamento de inferioridade ou submissão das mulheres.

Beauvoir realiza sua investigação no esforço de confirmar que os argumentos dos homens não são capazes de legitimar uma posição de submissão às mulheres. Ao ficar comprovada a sua análise, a filósofa passa a questionar a influência desses argumentos na posição de subalternidade no processo de construção social da *Mulher* e o que isso acarretou em sua história.

No primeiro volume da obra, intitulado como *Fatos e Mitos*, Beauvoir busca desmitificar os pressupostos que estão relacionados à vivência da *Mulher*; quem é a *Mulher*, o que é o eterno feminino e procura ainda abordar os aspectos que tentam trazer uma certa “essência” feminina. Ela percebe que essas razões não são suficientes para justificar o porquê de as mulheres se encontrarem numa condição de subordinação perante aos homens.

Ao questionar a biologia, Simone de Beauvoir não nega que exista uma natureza feminina, mas ela conclui que embora exista uma natureza feminina diferente da natureza masculina, isso não é suficiente para explicar a causa da subordinação das mulheres na sociedade. Ou seja, a biologia não explica o fato de as mulheres permanecerem na vida doméstica, presas a vida privada; das mulheres continuarem na imanência e não conseguirem transcender tal como os homens por meio da cultura. Assim, para Beauvoir, a ciência que estuda a vida não consegue dar conta de explicar o fato das mulheres serem consideradas inferiores em relação aos homens na sociedade.

No segundo argumento, a filósofa analisa o discurso de Freud e de Adler a respeito das mulheres. Ela entende que todo o discurso de Freud além de partir do ponto de vista masculino para compreender a *Mulher* é um discurso dependente de um contexto histórico. Em outras palavras, se realmente existe um certo complexo de inferioridade feminino em relação aos homens, é porque a *Mulher* se encontra dentro de um contexto que valoriza muito mais a virilidade do que a feminilidade; por isso, existiria um complexo de inferioridade da *Mulher*. Beauvoir não nega esse pensamento freudiano, mas ela tece diversas críticas afirmando que a verdade da psicanálise depende de um contexto histórico.

Para a terceira justificativa, Beauvoir passa a questionar Engels. Assim como ela acredita que Freud parte de um monismo psicanalítico, ou seja, ele parte de um olhar masculino que pode ser tendencioso diante do mundo, ela acredita que o Engels, parte de um monismo econômico, porque ele considera que a situação da mulher se dá por conta da economia. Para a filósofa, as relações entre homens e mulheres superam/suplantam a economia. Independente da economia, a relação de homens e mulheres existe e muitas das vezes ela está fora dessa economia, estando, por exemplo, na vida doméstica ou em outros lugares que não na economia.

No segundo volume da obra denominado como *A Experiência Vivida*, a autora demonstra como se destina a vivência das mulheres, ou seja, como foi construída a sua existência, não só a partir delas próprias, mas a partir do que foi feito delas com o que lhes foi dado. Que tipo de *Mulher* foi construída com base nessa experiência? Dessa maneira, ela demonstra a dimensão do que seria a *Mulher* hoje e porque ela foi construída desta forma e não de outra.

Ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que fêmea humana assume no seio da sociedade, é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. [BEAUVOIR, 2016, vol II, p.11]

A construção social da *Mulher* é política, história, social e cultural. Não é um dado biológico, natural ou psíquico. A *alteridade* realiza-se no feminino.

3 - O QUE É MULHER?

Para tentar entender os possíveis pretextos que tentam impor uma condição de submissão às mulheres, Beauvoir realiza sua investigação respaldada por três grandes justificativas utilizadas pelos homens - ela utiliza as áreas: biológica, psicanalítica e a materialista - e que poderiam influenciar este contexto de subalternidade que as mulheres vivem.

Há também cinco questões que devem ser consideradas em sua obra para tentar compreender o que condiciona a *Mulher* a esta posição de submissão perante os homens e são elas: 1) *O que é a feminilidade?* 2) *O que é Mulher?* 3) *Por que as mulheres aceitam essa condição de submissão?* 4) *Por que o mundo sempre pertenceu aos homens?* 5) *E se essa condição de submissão se perpetuará para sempre?* Estas questões são uma maneira que a filósofa encontra para organizar seus argumentos e daí construir sua perspectiva existencialista de *Mulher*.

Partindo destas áreas e questões, Beauvoir busca com sua investigação provar que tais justificativas são insuficientes para colocar as mulheres em uma posição de submissão perante os homens e, ao comprovar isto, ela inicia uma crítica existencialista sobre a maneira como tais “desculpas” influenciaram o processo de construção social da *Mulher*. A filósofa tenta por meio de suas considerações e análises responder as questões supracitadas, a fim de mostrar que a *Mulher* nada mais é do que um produto de seu contexto histórico, político e cultural.

3.1 - A Mulher e a sua natureza feminina

Para que seja possível examinar os dados biológicos, Beauvoir, primeiro analisa o que seria então considerado para diferenciar a fêmea do macho, para a partir de então tentar avaliar se há uma justificativa biológica que possa garantir ao homem uma superioridade em relação à *Mulher*, e consequentemente corroborar com a imposição social de submissão da *Mulher*.

A mulher? É muito simples, dizem os amadores de formulas simples; é uma matriz, um ovário, é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto “fêmea” soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulho se dele dizem: “É um macho”. O termo “fêmea” é pejorativa não porque enraíza a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo. [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.31]

Beauvoir observa que a divisão entre fêmeas e machos ocorre em diversas outras espécies pelo modo como a reprodução destes seres é realizada, todavia, ela menciona que para alguns biólogos, esta não seria uma forma assertiva de dividir os seres, visto que em muitas espécies esta divisão não é clara e ainda que em algumas outras a reprodução é unilateral. E é *“nas formas mais complexas da vida, a sexualidade é uma função indispensável”* [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.32].

Para Beauvoir, é no exercício da atividade sexual que os homens dividem os sexos e isso estimula divisão dos papéis e responsabilidades de que cada sexo irá se ocupar. Tendo como exemplo o avanço do patriarcado; o macho reivindicou o papel de “único criador” e atribuiu a *Mulher* um papel de coadjuvante na reprodução, ou seja, de acordo com ele, ela não faz mais que conceber a semente do homem.

As experiências e partenogênese tornaram-se cada vez mais numerosas e ousadas, e, em muitas espécies, o macho se evidencia radicalmente inútil. Mas ainda que a utilidade de uma troca intercelular fosse demonstrada, apresentar-se-ia como um simples fato injustificado. **A biologia constata a divisão dos sexos, mas embora imbuída de finalismo não consegue deduzi-la da estrutura da célula, nem das leis da multiplicação celular, nem de nenhum fenômeno elementar. [...] A existência de dois gametas heterogêneos não basta para definir dois sexos distintos; na realidade, acontece muitas vezes, a diferenciação das células geradoras não acarretar cisão das espécies e dois tipos: ambas podem pertencer a um mesmo indivíduo. É o caso das espécies hermafroditas, tão numerosas entre as plantas e que se encontram também em muitos animais inferiores, os anelados e os moluscos, entre outros. A reprodução efetua-se então ou por autofecundação ou fecundação cruzada. [...] Como quer que seja, essas noções de superioridade de um sistema sobre o outro implicam, no que concerne à evolução, teorias das mais contestáveis. Tudo o que se pode afirmar com certeza é que esses dois modos de reprodução coexistem na Natureza, que realizam um e outro, a perpetuação das espécies e que, tal a heterogeneidade dos gametas, a dos organismos portadores de gonádias se apresenta como acidental. A separação dos indivíduos em machos e fêmeas surge, pois como um fato irredutível e contingente.** [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.33, grifo nosso]

Neste prisma, fêmea e macho seriam complementares uma vez que os papéis de seus gametas na fecundação são idênticos. É apenas com a união deles que se cria um outro ser vivo, contudo, é insuficiente definir a fêmea apenas como portadora de óvulos e o macho apenas como portador de espermatozoide. Beauvoir reforça ainda, que há dois argumentos biológicos falsos, o primeiro se refere a uma passividade da fêmea – que se daria por conta da estrutura do óvulo e da maneira como ele é “passivo” na reprodução - e o segundo contraria o primeiro argumento, apesar de coexistir com ele. Este outro argumento aduz que a *“permanência da espécie é assegurada pela fêmea, tendo o princípio masculino uma existência explosiva e*

fugaz” [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.38-39], isso porque o espermatozoide se comportaria de maneira “ativa” na reprodução.

Os dois sexos devem ser diferentes: um será ativo e o outro, passivo, e naturalmente a passividade caberá a fêmea. “O homem é, assim, em consequência dessa diferenciação o princípio ativo, enquanto a mulher é o princípio passivo, porque permanece dentro da sua unidade não desenvolvida”. E mesmo depois que se reconheceu o óvulo como princípio ativo, os homens ainda tentaram opor sua inércia à agilidade do espermatozoide. Assim o óvulo, ativo em seu princípio essencial, a saber, o núcleo, é superficialmente passivo; sua massa fechada sobre si mesma, encerrada em si mesma, evoca a espessura noturna e o repouso do em si; [...] Ao contrário, o espermatozoide aberto, miúdo, ágil, representa a impaciência e a inquietação da existência. Não se deve deixar-se seduzir pelo prazer das alegorias; assimilou-se, por vezes, o óvulo à imanência, o espermatozoide a transcendência. Mas é renunciando à sua transcendência, à sua mobilidade, que este penetra no elemento feminino. [...] Gametas masculinos e femininos fundem-se num ovo. Juntos eles se suprimem em sua totalidade. [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.37-40]

Algumas características do macho são comuns a quase todas as espécies. A agressividade é a de maior destaque durante o cio. Ele também quase não manifesta um instinto paternal e raramente demonstra interesse pelo filho. Com grande regularidade após o coito abandona a fêmea. Os homens, quando permanecem com a mulher é como o “chefe de família” - seja ela monogâmica ou não - desempenhando um papel de provedor. Para Beauvoir, “*o macho tem uma vida sexual que é normalmente integrada em sua existência individual: no desejo e no coito, sua superação na espécie confunde-se com o momento subjetivo de sua transcendência: ele é seu corpo*” [BEAUVOIR, 2016, vol I, p. 53].

Por provocante ou tolerante que seja, é o macho, de qualquer modo, quem possui: ela é a possuída; ele pega, ela é pegada e a palavra tem, por vezes, um sentido muito preciso: ou porque tem órgãos adaptados, ou porque é o mais forte, o macho segura-a, imobiliza-a; efetua ativamente os movimentos do coito. [...] trata, portanto, de uma resistência que cumpre quebrar e, quem o penetrando, o macho realiza-se como atividade. **Seu domínio exprime-se pela posição do coito: entre quase todos os animais o macho coloca-se sobre a fêmea. Sem dúvida, o órgão de que se serve é também material, mas ele se mostra sob seu aspecto animado: é um instrumento; ao passo que, nessa operação, o órgão feminino não passa de um receptáculo inerte. O macho nele deposita o sêmen; a fêmea recebe-o. Assim, embora desempenhando na procriação um papel fundamental ativo, ela sofre o coito que a aliena de si mesma pela penetração e pela fecundação interna; embora ela sinta a necessidade sexual como uma necessidade individual,** ponto que no cio acontece-lhe procurar o macho, a aventura sexual é, entretanto, vivida por ela, no imediato, como uma história interior e não como uma relação com o mundo e outrem. [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.49, grifo nosso]

A fêmea ao contrário do macho, tem todo o seu organismo adaptado para a gestação, sendo ele todo regulado pelo ciclo sexual. A fêmea então, tem toda a sua individualidade reduzida ao que a espécie deseja dela. O corpo da *Mulher* é preparado para a gravidez e é a partir da puberdade que ele passa a dar sinais disso. A situação que mais aprisiona a fêmea é a maternidade, no qual todo o processo anterior, no decorrer e posterior a gestação é sentido por todo o seu corpo desde a puberdade até a sua morte, pois mesmo na menopausa seu corpo sofre. Portanto, é o trabalho mais exaustivo e com maiores sacrifícios que a *Mulher* pode desempenhar. “*A mulher, que é a mais individualizada das fêmeas, aparece também como a mais frágil, a que vive mais dramaticamente seu destino e que se distingue mais profundamente do macho.*” [BEAUVOIR, 2016, vol I, p. 53].

O crescimento da menina é análogo ao do menino [...] Mas, no momento da puberdade, a espécie reafirma seus direitos. Sob a influência de secreções ovarianas, o número de folículos em via de crescimento aumenta, o ovário congestionar-se e cresce, um dos óvulos chega a maturidade e o ciclo menstrual se inicia; o sistema genital adquire seu volume e sua forma definitiva, o soma feminiza-se, o equilíbrio endócrino estabelece-se. [...] **É nesse período que ela sente penosamente seu corpo como uma coisa opaca alienada; esse corpo é presa de uma vida obstinada e alheia que cada mês faz e desfaz dentro dele um berço, cada mês, uma criança prepara-se para nascer e aborta no dismantelamento das rendas vermelhas; a mulher, como o homem, é seu corpo, mas seu corpo não é ela, é outra coisa.** [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.54-57, grifo nosso]

Segundo Beauvoir, a existência de uma *natureza feminina*, condiciona a *Mulher* a particularidades que apenas ela pode viver, contudo, isso não justifica a relação de subalternidade dela em relação ao homem. As características biológicas que são próprias do corpo feminino são importantes, pois o corpo é um dispositivo de domínio, o homem usa dessas características como argumentos para subjugar as mulheres.

As diferenciações propriamente sexuais superpõem-se na mulher singularidades que são, mais ou menos, consequências diretas delas. São ações hormonais que determina seu soma. Em média, ela é menor do que o homem, menos pesada, e seu esqueleto mais frágil, a bacia mais larga, adaptada às funções da gestação e do parto; seu tecido conjuntivo fixa as gorduras e suas formas são mais arredondadas do que as do homem; a atitude geral – morfologia, pele, sistema piloso, etc. – é nitidamente diferente nos dois sexos. [...] Vê-se que muitos desses traços provêm ainda da subordinação da mulher à espécie. Tal é a conclusão mais notável desse exame: é ela, entre todas as fêmeas de mamíferos, a que se mais profundamente alienada e a que recusa mais violentamente esta alienação; em nenhuma, a escravização do organismo à função reprodutora é mais imperiosa nem mais dificilmente aceita, crises da puberdade e da menopausa, “maldição” mensal, gravidez prolongada e não raro difícil, parto doloroso e por vezes perigoso, doenças, acidentes são características da fêmea humana. Poderíamos dizer que seu destino se faz tanto mais pesado

quanto mais ela se revolta contra ele, afirmando-se como indivíduo. Comparada ao macho, este parece infinitamente privilegiado; sua vida genital não contraria a existência pessoal; desenvolve-se de maneira contínua, sem crise e geralmente sem acidente. [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.59-60, grifo nosso]

Todavia essas características não são suficientes para então definir uma superioridade do homem em relação a *Mulher*. Eles não justificam a imanência que *Mulher* assume, pois segundo Beauvoir a *Mulher* pode alcançar a transcendência como o homem. Porém ao apropriar-se do papel de *Outro*, ao aceitar com passividade o seu destino a *Mulher* assume para si uma condição de imanência, fixando-se como o *Outro Absoluto*, onde ela é privada da liberdade de escolher ser outra coisa, torna-se netão presa as vontades do homem/Sujeito. O homem pelo contrário, além de submeter a *Mulher* uma posição de submissão, ao assumir o papel de Sujeito alcança a sua transcendência.

Para Beauvoir, a biologia se torna abstrata se aceitamos o corpo a partir da existência. Ao assumir um outro significado, o corpo se torna dependente de um contexto. Sendo assim, é necessário que haja referências existenciais, econômicas e morais para que o entendimento de uma “fraqueza” feminina.

Para a autora, é “à luz de um contexto ontológico, econômico, social e psicológico que teremos de esclarecer os dados da biologia. ” [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.65]. É o modo como a *Mulher* se submete ao homem, e aceita sua imanência que limita suas capacidades individuais. O corpo feminino é uma unidade fundamental que a condiciona no lugar em que ocupa no mundo, pois não é a natureza que define o que é a *Mulher*.

3.2 - A Mulher não é um homem mutilado

As considerações de Beauvoir sobre o modo como a psicanálise foi construída, aconteceram somente para a realização de uma análise crítica de como esse sistema influenciou no processo de construção da *Mulher*. Neste sentido, Beauvoir afirma que a psicanálise considera que “não é o corpo-objeto descrito pelos cientistas que existe concretamente e sim o corpo vivido pelo sujeito. A fêmea é uma mulher na medida em que se sente como tal. ” [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.65]. Ou seja, o que legitima a *Mulher* como tal, seria o modo como esta se percebe e não por um simples dado biológico ou natural.

Ela afirma que Freud não se preocupa com as particularidades da *Mulher* e a define em relação ao homem. Segundo ela, Freud admite que a *Mulher* tem a sexualidade tão desenvolvida quanto o homem, porém, ao se comparar ao homem, a *Mulher* se sente como um homem mutilado. Freud, ainda afirma que as crianças passam pelo mesmo processo de desenvolvimento da libido, começando pela fase oral e depois pela fase anal, mas é na fase genital que as crianças se tornam diferentes.

o erotismo masculino localiza-se definitivamente no pênis, ao passo que há, na mulher, dois sistemas eróticos distintos: um clitoridiano, que se desenvolve no estágio infantil e outro, vaginal, que surge após a puberdade. Quando o jovem atinge a fase genital, sua evolução está terminada; será necessário que passe da atitude autoerótica, em que aspira ao prazer em sua subjetividade, a uma atitude heteroerótica, que relacionará o prazer a um objeto, normalmente a mulher. Tal passagem acontecerá no momento da puberdade, através de uma fase narcisística; mas o pênis, como na infância, permanecerá o órgão erótico privilegiado. [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.69]

O “*Complexo de Édipo*” ou “*Complexo de Castração*”, para Freud se desenvolve quando o menino se liga fortemente com a mãe e cria sentimentos de agressividade em relação ao pai, apesar de respeitar sua autoridade. Para Freud o superego se instituiu assim e é ele que censura qualquer relação incestuosa. No princípio o “*Complexo de Electra*” é simétrico ao complexo vivido pelos meninos, segundo este complexo a menina também possui uma fixação pela mãe, e depois se identifica com o pai. Mas, Freud afirma que há duas importantes diferenças nesses dois complexos: a primeira é que o menino nunca se identifica com o pai e a segunda é que por volta dos cinco anos a menina reage a ausência do pênis, pois começa a descobrir a diferença anatômicas dos sexos. Segundo Freud, a menina sofre por se sentir castrada e por isso, passa a seduzir o pai e identifica-se inteiramente com a mãe, ao mesmo tempo que se torna sua rival.

Complexo de castração e complexo de Electra fortalecem-se mutuamente; o sentimento de frustração da menina é tanto mais doloroso quanto amando o pai, gostaria de assemelhar-se a ele; e, inversamente, essa tristeza de não poder fortalece seu amor; é pela ternura que inspira ao pai que ela pode compensar sua inferioridade. A menina sente em relação à mãe um sentimento de rivalidade, de hostilidade [...] **Assim como sua evolução genital, vê-se que o conjunto do drama sexual é mais complexo na menina do que em seus irmãos; ela pode ser tentada a reagir ao complexo de castração, recusando sua feminilidade, obstinando-se em cobiçar um pênis e identifica-se com o pai;** essa atitude ira conduzi-la a permanecer no estágio clitoridiano, a tornar-se frígida ou a voltar-se para a homossexualidade. [...] Se admitimos que o complexo de Electra tem apenas um caráter afetivo muito difuso, coloca-se então, todo problema da afetividade, para cuja definição, desde que a separemos da sexualidade, o freudismo não nos fornece os meios. Seja como for, não é a libido feminina que diviniza o pai; a mãe é divinizada pelo desejo que inspira o filho. **O fato de o desejo feminino voltar-se para**

um ser soberano dá-lhe um caráter original, mas a menina não é constitutiva de seu objeto, ela o sofre. A soberania do pai é um fato de ordem social e Freud malogra em explicá-lo, ele próprio confessa que é impossível saber que a autoridade decidiu, em um momento da história, que o pai superaria a mãe, essa decisão representa, a seu ver, um progresso, mas cujas causas são ignoradas. [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.70-71, grifo nosso]

Para Beauvoir, pelo fato de Freud ter acreditado que todos os comportamentos dos homens são provocados pela busca pelo prazer, que Adler se distanciou de Freud. Para Adler não só a sexualidade poderia fundamentar o desenvolvimento da vida, por isso, para ele a inteligência ganhou espaço na personalidade do homem [Beauvoir, afirma que ao fazer isso, Adler chegou a dar um valor simbólico para a sexualidade].

Ainda segundo Adler, o drama humano se desdobra em três instantes: a vontade de poder que todo indivíduo possui e que também é acompanhado pelo medo perder, ou seja uma noção de inferioridade; por ter medo, ele se distancia da sociedade [promovem neuroses em um sentido social]; e para a *Mulher* toda a inferioridade que lhe é destinada se refere a uma vergonha de sua feminilidade, ou seja, não é a “mutilação” do pênis que poderia causar uma reação negativa da *Mulher*, mas na verdade seria por toda a conjuntura que lhe é imposta por não ter os mesmos privilégios masculinos e é essa a ideia de superioridade que este membro carrega consigo [onde até a posição do coito coloca a *Mulher* em uma condição de humilhação].

Para que a *Mulher* assuma uma mesma condição de “igualdade”, ela usa da maternidade por encontrar na criança uma equidade com o pênis. Mas para isso, ela deve então aceitar sua condição de *Mulher* e aceitar sua feminilidade por completo.

Beauvoir concorda que a sexualidade é também muito importante para a vida humana. *“O existente é um corpo sexuado; nas suas relações com os outros existentes, que são também corpos sexuados, a sexualidade está, portanto, sempre empenhada, mas seu corpo e sexualidade são expressões concretas da existência.”* [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.74]. Mas a filósofa acredita que a partir da sexualidade é possível descobrir outras significações, pois sem esse ponto de vista, a psicanálise assume como verdade fatos ainda sem explicação.

O pênis é singularmente indicado a desempenhar, para o menino, o papel de “duplo”: é para ele um objeto estranho e, ao mesmo tempo, ele próprio, é um brinquedo, uma boneca e é própria da carne; **pais e amas tratam-no como um pequeno personagem.** [...] o pênis é posto pelo sujeito como si mesmo e outro que não si mesmo. A transcendência específica encarna-se nele de maneira apreensível e ele é fonte de orgulho; é porque o falo é separado que o homem pode integrar na sua individualidade a vida que o ultrapassa. Concebe-se então que o comprimento do pênis, a força do jato da urina da ereção, da ejaculação tornem-se, para o sujeito, a medida de

seu próprio valor. Por isso é constante que o falo encarne carnalmente a transcendência. [...] Privada desse alter ego, a menina se aliena numa coisa apreensível, não se recupera; em consequência, ela é levada a fazer-se por inteira objeto, a pôr-se como o Outro; a questão de saber se se comparou ou não aos meninos é secundária; o importante é que, mesmo não conhecida por ela, a ausência do pênis a impede de ser tornar presente a si própria enquanto sexo; disso resultarão muitas consequências. **Mas esses constantes que assinalamos que definem, entretanto, um destino: o falo assume tão grande valor porque simboliza uma soberania que se realiza em outros campos. Se a mulher conseguisse afirmar-se como sujeito, inventaria equivalentes para o falo:** aposse de uma boneca, em se encarna a promessa do filho, pode se tornar mais preciosa do que a do pênis. [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.77-78, grifo nosso]

Para a filósofa, é apenas na totalidade da *Mulher* que a situação apreendida que se percebe que o privilégio humano, na verdade é um privilégio anatômico, pois não basta dizer que a fêmea é uma *Mulher*, pois ela não é definida a partir de sua feminilidade, mas somente pela ausência de pênis.

Segundo Beauvoir, a psicanálise fracassa na explicação que assume ao afirmar a *Mulher* como o *Outro*, pois foi o próprio Freud quem confessou ter ignorado a origem da soberania do macho e apenas admitiu que o prestígio do pênis dava ao pai uma condição de supremacia em relação a mãe. É no processo de comparação da virilidade com a feminilidade que o homem assume um papel de destaque, contudo, essa comparação só é bem-vinda na perspectiva do monismo sexual usado por Freud.

Mostram-nos a mulher solicitada pois dois modelos de alienação; é evidente que fingir ser homem seria para fonte de malogro, mas fingir ser mulher é também ilusão. **Ser mulher seria ser o objeto, o Outro, e o Outro permanece sujeito no serio de sua demissão. O verdadeiro problemas para mulher está em recusando essas fugas, realizar-se como transcendência, trata-se de ver, então, que possibilidades lhe abrem o que se chama atitude viril e atitude feminina;** quando uma criança segue o caminho indicado por tal ou qual de seus pais, é talvez porque retoma livremente os projetos deles. Sua conduta pode ser o resultado de uma escolha motivada por certos fins. [...] **Homem é definido como ser humano e a mulher como fêmea, todas as vezes que ela se conduz como ser humano, afirma-se que ela imita o macho.** O psicanalista descreve-nos a criança e a moça solicitadas a identificar-se com o pai ou a mãe, hesitantes entre as tendências “viriloides” e “femininas”: ao passo que **nós concebemos a mulher hesitando entre o papel de objeto, de Outro que lhe concebemos a mulher hesitando entre o papel de objeto, de Outro que lhe é proposto, e a reunificação de sua liberdade.** [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.80-81, grifo nosso]

Para Beauvoir, são consideradas como condutas de alienação as condutas femininas, mas as condutas ditas viris [as masculinas] são onde o sujeito confirma sua transcendência. A *Mulher* então se define como ser humano, para tentar encontrar seu valor no mundo de valores,

onde as estruturas sociais e econômicas são necessárias conhecer, pois só é possível conhecer a *Mulher* em seu contexto completo.

3.3 - A Mulher não é uma propriedade do homem

Para o ponto de vista do o materialismo histórico, Beauvoir analisa os argumentos de Engels com o intuito de mostrar que a posição de submissão em que as mulheres se encontram não pode ser justificada pela economia. Para Beauvoir, as relações entre homens e mulheres vão para além disto. Autonomicamente as relações entre pais e filhas, maridos e esposas, homens e mulheres existem além da economia, apesar de coexistirem com ela. O monismo econômico, portanto, não seria uma justificativa válida para condenar a *Mulher* em uma posição de subordinação perante os homens, pois a filósofa ainda destaca que a “*A teoria do materialismo histórico pôs em evidencia muitas verdades importantes: humanidade não é uma espécie animal: é uma realidade histórica*” [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.83], portanto todo o contexto em que a humanidade está inserida é relevante para compreender as relações entre homens e mulheres, não somente a economia.

Segundo Beauvoir, a psicanálise não é suficiente para definir a *Mulher* unicamente por sua sexualidade. Biologicamente, a filósofa afirma que a *Mulher* não possui tanta dominação como o homem, pois ela é, de alguma maneira refém de sua natureza feminina e de sua sexualidade, mas esses argumentos também não são válidos para garantir uma superioridade masculina em relação às mulheres. A *Mulher*, segundo a filósofa depende de todo um contexto histórico e social em que está inserida [seja por uma evolução técnica ou mesmo pela economia] para então se definir.

Engels relatou em seus escritos que desde a Idade da Pedra onde tudo pertencia a todos em igualdade [terra e trabalho] – os dois sexos eram duas classes em igualdade. Mas quando a noção da propriedade privada aparece, e o homem torna-se um senhor de terras e de escravos, “*a grande derrota histórica do sexo feminino*” acontece, pois, o homem torna-se também o proprietário da *Mulher*. E isto acontece, segundo ele pelo modo como a divisão do trabalho ocorre e pelo avanço tecnológico que ele traz, pois segundo Engels a capacidade de trabalhar então se torna o maior problema da *Mulher*.

É o aparecimento da família patriarcal baseada na propriedade privada. Nessa família a mulher é oprimida. O homem, reinando soberanamente, permite-se entre outros, o capricho sexual: dorme com escravas, ou hetairas, é polígamo.

A partir do momento em que os costumes tornam a reciprocidade possível, a mulher vinga-se pela infidelidade: o casamento completa-se naturalmente com o adultério. **E a única defesa da mulher contra a servidão doméstica em que é mantida; a opressão social que sofre é a consequência de uma opressão econômica. A igualdade só se poderá restabelecer quando os dois sexos tiverem direitos juridicamente iguais, mas essa libertação exige a entrada de todo o sexo feminino na atividade pública. “A mulher só se emancipará quando puder participar em grande medida social na produção, e não for mais solicitada pelo trabalho doméstico senão numa medida insignificante.** E isso só se tornou possível na grande indústria moderna, que não somente admite o trabalho da mulher em grande escala como ainda o exigem formalmente.

Deste modo, o destino da mulher e o socialismo estão intimamente ligados. [BEAUVOIR, 2016, vol I, p. 85, grifo nosso]

A divisão do trabalho e a ideia de propriedade privada trazem para o homem grande importância não só pelo ideal de bens e riqueza que elas concedem, mas também pela ideia de poder. Isso é assimilado pelo homem de tal maneira que seu interesse por essa propriedade se torna fundamental para a sua própria vida.

A ideia de poder sobre a sua propriedade transforma a relação do homem com a mulher. O modo como ocorre a divisão do trabalho segue um falso argumento biológico - já citado anteriormente - onde a mulher sendo mais fraca para exercer determinadas atividades, seria então inferior em relação ao homem. Nessa perspectiva o trabalho que ela poderia exercer foi limitado e a colocou numa posição de sujeição em relação ao homem.

A incapacidade da mulher acarretou-lhe a ruína porque o homem apreendeu-a através de um projeto de enriquecimento e expansão. E esse projeto não basta ainda para explicar por que ela foi oprimida: a divisão do trabalho por sexo poderia ter sido uma associação amigável. Se a relação original do homem com os seus semelhantes fosse exclusivamente uma relação de amizade, não se explicaria nenhum tipo de escravização: esse fenômeno é consequência do imperialismo da consciência humana que procura realizar objetivamente sua soberania. Se não houvesse nela a categoria original do Outro, e uma pretensão original ao domínio sobre o Outro, a descoberta da ferramenta de bronze não poderia ter acarretado a opressão da mulher. [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.88]

Beauvoir concorda com Engels que a divisão sexista do trabalho endossou a opressão vivida pelas mulheres e que esta divisão também condicionou a mulher ao acúmulo de funções, pois além de trabalhar fora de casa para ajudar no sustento da família, ela também se viu obrigada aos afazeres domésticos [cuidando da casa e de seus filhos]. E por mais difícil que seja comparar o trabalho doméstico ao trabalho militar por exemplo, a vida de uma mulher é mais violentada exigindo dela um filho do que a de um homem no campo de guerra. Para Freud é “no ato sexual, na maternidade, a mulher não emprenha somente tempo e forças, mas ainda

valores essenciais. O materialismo racionalista pretende em vão menosprezar esse caráter dramático da sexualidade ” [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.89]

Não seria possível obrigar diretamente uma mulher a parir, tudo o que se pode fazer é encerrá-la dentro de situações em que a maternidade é a única saída; a lei ou os costumes impõem-lhe o casamento, proibem as medidas anticoncepcionais, o aborto e o divórcio. [...] É impossível vê-se por esse exemplo, encarar a mulher unicamente como força produtora, ela é para o homem uma parceira sexual, uma reprodutora; um objeto erótico, um Outro através do qual ele se busca a si próprio. [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.89]

Para Beauvoir, mesmo com a situação singular que a *Mulher* vive, reivindicar todos os seus direitos enquanto ser humano é necessário para conhecê-la e até mesmo defini-la enquanto *Mulher*, pois é necessário ir além do materialismo histórico para entender que a *Mulher* e o homem são mais do que uma entidade econômica. Por isso, do mesmo modo que Beauvoir critica Freud por seu monismo sexual, ela critica Engels por seu monismo econômico.

Um psicanalista interpretará todas as reivindicações sociais da mulher como um fenômeno de “protesto viril”. Ao contrário, para o marxista, sua sexualidade não faz senão exprimir por desvio mais ou menos complexos sua situação econômica, mas as categorias “clitoridiana” ou “vaginal”, tal qual as categorias “burguesa” ou “proletária”, são igualmente impotentes para encerrar uma mulher concreta. Por baixo dos dramas individuais como da história econômica da humanidade, há uma infraestrutura existencial que permite, somente ela, compreender em sua unidade essa forma singular que é uma vida. [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.90]

Para definir o que é a *Mulher*, não podemos recusar as contribuições da biologia, da psicanálise, do materialismo histórico, contudo, elas não são suficientes para uma definição completa e verdadeira. Pelo fato do mundo pertencer aos homens, a natureza feminina, o seu falo e as técnicas, são razões insuficientes para definir a Mulher.

Quando emprego as palavras “mulher” ou “feminino” não me refiro evidente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável; após a maior parte de minhas afirmações cabe subentender. “No estado atual da educação e dos costumes.” Não se trata aqui de enviar verdades eternas, mas de descrever o fundo comum sobre o qual se desenvolve toda a existência feminina singular. [BEAUVOIR, 2016, vol II, p.7]

Será apenas à luz da filosofia existencialista ser possível entender todas as singularidades que esta definição necessita². Por ser um produto de todo o seu contexto histórico e de uma construção social, a *Mulher* é um devir na medida que não é, mas está.

Assim, ao verificarmos que a biologia, a psicanálise e o materialismo histórico, não são capazes de definir a *Mulher*, muito menos justificar sua posição de submissão diante dos

² Discutiremos mais longamente essa questão existencialista no próximo capítulo.

homens, é necessário passar para uma análise existencialista do que seria essa *Mulher*, pois o que fica claro nesta investigação de Beauvoir, é que *Mulher* não é um dado biológico, psicanalítico ou materialista em particular, mas ela é isso tudo em conjunto à medida que o seu contexto histórico se faz fundamental para entender o que é *Mulher*. Todavia, mesmo que seja possível na individualidade definir o que é Mulher, não é possível determinar uma essência feminina, pois a Mulher é uma construção social, sendo assim, ela não pode ser algo no sentido de essência pré-definida, mas um vir a ser que é construído a todo instante.

4 - O EXISTENCIALISMO BEAUVORIANO

Consoante a corrente filosófica existencialista de Jean-Paul Sartre³, Beauvoir concebe a sua filosofia e, portanto, entende o conceito de *Mulher*. Por isso, torna-se necessário esclarecer o que é o *existencialismo*. No texto *O Existencialismo é o Humanismo* de 1946, Sartre aduz o que é o pensamento existencialista:

entendemos por existencialismo uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda a verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana. [SARTRE, 1973, p.10]

O filósofo afirma então que não existe um ideal de essência, pois as coisas estão num constante devir, numa constante transformação, num constante movimento. O *existencialismo* acredita então que as coisas não são, elas estão; é um momento, é um processo e o *existencialismo* compreende que o mundo se dá nesse processo. Em outras palavras, Sartre compreende que as coisas não mais “são” e sim “estão” e é neste momento em que o filósofo desenvolve a frase “*A existência precede a essência*”.

Que significará aqui o dizer-se que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. O homem tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si mesmo próprio se fizer [...] O homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais o que faz. [...] Mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que é. Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência. E quando dizemos que o homem é responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens. [SARTRE, 1973, p.12]

Segundo a filosofia existencialista não podemos falar em uma essência que defina, que identifique, que dê um significado ao homem, uma vez que, não há nada pré-determinado para a vida humana. Não há um destino pré-estabelecido, não há uma ética pré-estabelecida, cabe ao homem construir-se a si próprio, ou seja, cabe ao homem construir seus valores, sua ética e os seus princípios, todavia essa construção não é individualista, pois ao se construir, o homem também constrói o seu próximo. O homem, portanto, existe no mundo e por isso, ele deve-se criar/construir a partir de suas escolhas. Nesse sentido *má-fé* seria a atitude de você consumir

³ Jean-Paul Sartre [1905-1980] foi filósofo e escritor francês. "O Ser e o Nada" foi o seu principal trabalho filosófico. Foi um dos maiores representantes do pensamento existencialista na França, juntamente com Albert Camus e Simone de Beauvoir.

éticas “dadas”, consumir formas de vidas pré-determinadas e fugir de sua responsabilidade. Sartre então chama de *covarde* aquele que é incapaz de assumir a responsabilidade pela sua própria vida e cria então desculpas deterministas, por exemplo, o discurso, “não queria fazer isso, mas é a minha natureza ou apenas estou seguindo ordens”. E chama de *canalha* aquele que coloca a sua existência como algo indispensável, por exemplo, o discurso, “você não irá conseguir terminar esta atividade sem mim”.

Mesmo estando o homem condenado a sua *liberdade*, a filosofia existencialista não pode ser considerada uma corrente filosófica da contemplação, do quietismo ou do pessimismo. O *existencialismo* está diretamente ligado à noção de *alteridade*, pois, ao me compreender como *Sujeito* eu também defino o *Outro* como objeto e a partir dessa relação, eu fundamentado toda a subjetividade inerente ao *existencialismo* de Sartre.

Vedes bem que ele não pode ser considerado como uma filosofia do quietismo, visto que define o homem pela ação; nem como uma descrição pessimista do homem: não há doutrina mais otimista, visto que o destino do homem está em duas mãos; nem como uma tentativa para desencorajar o homem de agir, visto que lhe diz que não há esperança senão na ação, e que a única coisa que permite ao homem viver é o ato[...] O nosso ponto de partida é, com efeito, a subjetividade do indivíduo, e isso por razões estritamente filosóficas. Não por sermos burgueses, mas por querermos uma doutrina baseada na verdade, e não um conjunto de teorias bonitas, cheias de esperança, mas em fundamentos reais. Não pode haver outra verdade, no ponto de partida senão esta: penso, logo existo: é aí que se atinge a si própria a verdade absoluta da consciência [...] Em Segundo lugar, esta teoria é a única a conferir uma dignidade ao homem, é a única que não faz dele um objeto [...] Mas a subjetividade que nós aí atingimos a título de verdade não é uma subjetividade rigorosamente individual, porque demonstramos que o *no cogito* não nos descobrimos só a nós, mas também aos outros. [SARTRE, 1973, p.21]

Para Sartre o homem cria-se o tempo todo, ele é livre para se criar, não há nada pré-determinado [como afirmava o ideal platonista de essência] e, por isso, essa *liberdade* em ser e/ou escolher o que quiser, condena este homem a *liberdade* e o angustia na falta de ser alguma coisa e nas inúmeras opções do que se pode ser, portanto, não é possível pensar o *existencialismo* sem a noção de *liberdade*, transformação, movimento, angustia e, sobretudo ação. Mas essa *liberdade* é carregada de responsabilidade, pois sendo ele livre para escolher ser o que quiser, deverá ser responsável por essas escolhas.

Se, com efeito, a existência precede a essência, não será nunca possível referir uma explicação a uma natureza humana dada e imutável; por outras palavras, não há determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. [...] o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer. [SARTRE, 1973, p.15]

Outro ponto importante nessa discussão sobre a possibilidade de se observar como um *Sujeito* ou como *Outro* é que ao se definir como uma coisa ou como outra, é necessário anteriormente tomar consciência do que se é enquanto *Ser*, enquanto alguém que existe. Diante disso, a ontologia cartesiana também se faz presente na filosofia de Beauvoir.

O pensamento e a existência são o ponto de partida para a filosofia cartesiana, entretanto, a problemática de René Descartes⁴ ainda não pode ser concluída por essa máxima, uma vez que, como Descartes precisa atestar como pode existir mundo externo ao *Eu*? Assim, ele, precisa elaborar uma ligação entre realidade objetiva e o pensamento subjetivo.

Para Descartes, as ideias inatas baseiam a prova da existência de Deus, já que ideia de Deus é a ideia de uma entidade perfeita. O homem, portanto, não seria capaz de chegar a ideia de perfeição, já que não existe correspondente ideal no mundo concreto. Portanto, a ideia de perfeição só pode ser colocada no homem por Deus.

Provada a existência de Deus, por esse pensamento dedutivo Descartes prova que o mundo e o “eu” existe. Eis então a ligação entre o pensamento subjetivo e a realidade objetiva, isto é, a prova de que “o eu e o mundo” existem. Servindo, se então, da intuição e da dedução, Descartes chega à noção perfeita de sua própria existência e da existência de Deus.

Ao questionar se a *Mulher* existe, Beauvoir faz uma analogia ao processo cartesiano. Em sua obra *O Discurso do Método* de 1637, Descartes questiona se ele existe e com a criação de seu método, através dos conceitos de cogito e das definições de clareza e distinção Descartes pode confirmar que ele existe, por isso, a máxima penso, logo existo. Contudo, o filósofo não se preocupa se existe um corpo que comporte o seu *Eu*. No caso da *Mulher*, segundo Beauvoir, ela não pode ser pensada sem o seu corpo, visto que ela é também o seu corpo [subjetividade, biologia, sexualidade, contexto histórico].

Ao analisar Descartes e compreender que o *Homem* existe [se ele consegue pensar, segundo o método cartesiano], para Sartre e Beauvoir, o *Homem* e *Mulher* existe na medida em que eles se constroem. Portanto, podemos perceber a filosofia existencialista como uma filosofia do processo existencial de construção do próprio sujeito por meio de suas escolhas em

⁴ René Descartes [1596 - 1650] foi um filósofo, físico e matemático francês. Autor da frase "Penso, logo existo". É considerado o criador do pensamento cartesiano, sistema filosófico que deu origem à Filosofia Moderna. Sua preocupação era com a ordem e a clareza. Propôs fazer uma filosofia que nunca acreditasse no falso, que fosse fundamentada única e exclusivamente na verdade. Uma nova visão da natureza anulava o significado moral e religioso dos fenômenos naturais. Determinava que a ciência deveria ser prática e não especulativa

meia toda a liberdade que lhe é imposta. Em outras palavras seria, portanto, o processo de subjetivação do *Sujeito* ao se assumir neste papel e reconhecer a alteridade no *Outro*.

4.1 - A Subjetividade de Beauvoir

A filosofia existencialista de Beauvoir e de Sartre se baseiam então no processo de subjetificação do sujeito, dessa maneira, a construção da feminilidade é entendida por Beauvoir, a partir da compreensão ética da ação do *Sujeito* de modo que a análise seja entre o singular e o universal. Assim, ao se compreender como um *Sujeito Absoluto*, o homem estabelece a *Mulher* como o *Outro Absoluto*. Consequentemente, a *Mulher* se diferencia e se determina em relação ao homem e não em relação a si mesma; o *inessencial* perante o *essencial*.

Quando a filósofa afirma “*Ninguém nasce mulher, torna-se mulher*”, ela declara que não há uma essência que sentencie o que é “ser mulher”, mas destaca que “ser mulher” é um processo de construção. Para Beauvoir, as visões dos indivíduos são socialmente e culturalmente produzidas. É uma construção que foi apreendida através da socialização cuja finalidade é manter o homem na posição de dominante.

Ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como Sujeito. [BEAUVOIR, 2016, vol II, p.21]

Apenas pelo intermédio de outra pessoa que é admissível constituir o indivíduo como *Outro*. Todavia, no caso da *Mulher* isso acontece como consequência da privação do reconhecimento dela como *Um*, onde o patriarcado a define como *Outro* e é conferido aos homens os poderes concretos na sociedade.

O mundo sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu. Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma dela quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em um estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. [BEAUVOIR, 2016, vol I, p.95]

Condenar a *Mulher* a um invariável estado de dependência é defini-la como o *Outro Absoluto*, o que corresponde a recusar a real reciprocidade que a *alteridade* institui nas consciências livres. Isto é, trata-se de ignorá-la como um *Sujeito* e a apossar como *objeto*, como o *inessencial*.

Ao estabelecer a situação da *Mulher*, lhe tiram a *liberdade* de ser *Sujeito* para impostar-lhe um destino de *Outro* e ao aceitar sua condição de *Outro*, ela nega a reivindicação fundamental de Ser, de *Sujeito*.

As ações humanas assumem um protagonismo na filosofia existencialista, já que é essa corrente que relaciona a responsabilidade, a *liberdade* e a *subjetividade*. A existência se define como uma atividade contínua da *liberdade*, a partir das escolhas orientadas pelo projeto existencial possível do *Ser*.

Para obter uma verdade qualquer sobre mim, necessário é que eu passe pelo outro. O outro é indispensável a minha existência, tal como, aliás ao conhecimento que eu tenho de mim. Nestas condições, a descoberta da minha identidade descobre-me ao mesmo tempo o outro como uma liberdade posta em face de mim, que nada pensa, e nada quer senão a favor ou contra a mim. [SARTRE, 1973, p.22]

Para que a *Mulher* escape da condição de *objeto* aprisionado pelo olhar do *Outro*, é necessário reivindicar a posição *Sujeito* [nesse breve instante em que ela se reconhece como *Outro*, tudo o que é diferente dela, passar ser então *Outro* na medida em que ela passa a ser *Sujeito*]. E o modo de fazê-lo é olhar de volta para esse então *Sujeito* como um *Outro*, de modo a reduzi-lo a um *Objeto* na sua perspectiva. Ao capturar o *Outro* com a sua perspectiva, recupera a si mesma, uma vez que não existe um olhar de *Objeto* para um *Objeto*. Assim, tornar o homem *Objeto* para *Mulher* é o modo de tornar-se *Sujeito*. Ou seja, para ser tornar um *Sujeito* é necessário deixar de ser um *Objeto*; e isso, para Sartre, somente é possível tornando o outro o *Objeto*. Assim, na dialética de sartreana, apenas um *Sujeito* sobrevive.

O corpo é um elemento relevante da subjetividade, porém não a antecipa nem muito menos determina um destino. O corpo “*é uma situação, é nossa tomada de posse do mundo e um esboço de nossos projetos*” [Beauvoir, 2016, v. 1, p. 54]. O corpo para Beauvoir é o elemento principal para entender sua tese sobre a condição feminina. Ser o *Segundo* não é apenas uma consequência de pressões externas das quais a *Mulher* pode/deveria se alforriar como se retirasse uma camada estranha à sua subjetividade. Ser o segundo sexo é a circunstância de uma subjetividade concretizada.

5 – CONCLUSÃO

Diante do exposto, no presente trabalho, observa-se que a *Mulher* não pode ser definida apenas por sua natureza feminina, sexualidade ou posição econômica. A fêmea torna-se *Mulher* em consequência de sua construção social, portanto a biologia, psicanálise e o materialismo histórico são partes de como ela se constrói a partir de seu contexto histórico.

Logo, a biologia, a psicanálise e o materialismo histórico, não são suficientes para justificar uma posição de submissão das *Mulheres* diante dos homens. Apenas a maneira como se constituiu essa construção da Mulher, pode justificar essa relação de submissão perante os homens, pois ao aceitar o papel do *Outro*, ela legitimou aos homens uma posição de superioridade em relação a elas.

Por isso, por mais que algumas mulheres em suas individualidades consigam transcender, tomarem consciência de sua posição de subalternidade e reivindicarem o seu papel de *Sujeito*, ainda assim não é possível garantir a todas as *Mulheres* se tornem *Sujeitos* perante os homens e a sociedade, pois a maneira como elas foram construídas não garantem a elas à liberdade de se auto afirmar como *Sujeito*.

Todavia, não é por que a *Mulher* se constituiu assim que o seu futuro deva ser assim. O modo como se deu esta construção não precisa se perpetuar para sempre e uma maneira de mudar isso provém da luta feminista. Somente com esse movimento será possível mudar a situação de submissão das mulheres. Seja ela no trabalho, na vida doméstica, na vida conjugal ou em qualquer outro lugar que se tenham homens e mulheres. Apenas com a educação sobre gêneros e a igualdade sobre os gêneros será possível uma mudança no contexto em que mulheres e homens se constroem.

6 - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BEAUVOIR. Simone, *O segundo sexo [fatos e mitos]*, 3. Ed, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016.

_____. *O segundo sexo [a experiência vivida]*, 3. Ed, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016.

ABBAGNANO. Nicola, *Dicionário de filosofia*, São Paulo, Martins Fontes, 2007.

SARTRE. Jean-Paul, Tradução de: Vergílio Ferreira. *O existencialismo é um humanismo*. Col. Os pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1973.

DESCARTES. René. Discurso sobre o método. São Paulo, Hemus – Livraria Editora Ltda, 1975